AS MEMÓRIAS DA ABOLIÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DE UMA RAÇA BRASILEIRA EM *AS VOLTAS DA ESTRADA*

MARCELO SOUZA OLIVEIRA*

> As *voltas da estrada* põe diante dos nossos olhos, com admirável clareza e maestria, "as voltas que o mundo deu" no Brasil quando pela abolição da escravatura e a subseqüente implantação da república, uma sociedade inteira foi substituída por outra, e uma nova burguesia democrática subiu à tona do poder, afundando e empurrando bem para baixo, a antiga aristocracia dos senhores de engenho. (Agostinho de Campos, 1931) [1]

> Um romance como *As voltas da estrada* revela [...] as vaidades, os preconceitos, a filosofia da aristocracia rural do país, no tempo em que a lei do ventre livre rasgava às massas escravas os primeiros clarões de liberdade, não haviam, ainda encontrado o seu historiador. [...]. A segunda parte do romance começa em 1900. Já a escravatura fora abolida há 12 anos. Já o Império terminara os seus dias e a República entrava no seu terceiro lustro. Tudo agora, em toda a parte, está mudado. Os donos da situação não são mais os fidalgos ricaços de outrora. Uma nova casta se formou e domina: a casta dos antigos libertos [...] (Heitor Muniz, 1931). [2]

Nos conturbados anos que envolveram o fim da Primeira República e o inicio do Governo Vargas, alguns críticos literários foram aos jornais e revistas para saldar aquele que seria o último romance do imortal Xavier Marques. Nas epígrafes acima, dois deles imprimem seus comentários sobre esta novela e, de quebra, nos oferecem algumas leituras de como eles, na condição de contemporâneos, viram a obra do grande romancista. Agostinho de Campos percebe o romance como uma representação da suplantação de uma classe pela outra: dos fidalgos, pelos mestiços. Já Heitor Moniz, amigo de longa data do autor, menciona que o romance poderia ser lido como um tratado de história e sociologia, pois nos colocava ante a uma interpretação do fim da escravidão pautada na Lei do ventre Livre e não na Lei Áurea, conforme as versões mais comuns da época. Ambos concordam no que tange ao que afirmam ser intenção do autor de mostrar o declínio de uma raça e a ascensão de outra, seria isso, como

* Aluno do doutorado em História Social da Universidade Federal da Bahia.

1 CAMPOS, Agostinho. As voltas da estrada. *Jornal do Comércio*. Porto [Portugal], 18/06/1931.

2 MONIZ, Heitor. O ultimo romance de Xavier Marques. In. *Diário da Bahia*. Salvador-Ba, 23/06/1931.

veremos, uma espécie de profecia da teoria do branqueamento, defendida pelo autor que transformaria as três raças que constituíram o povo brasileiro, numa raça mestiça, que reuniria o melhor de ambas.

Pelo que se percebe, os críticos nos oferecem possibilidades fecundas de trilharmos uma leitura com maior inteligibilidade. Embora eles, obviamente, também não consigam captar toda a riqueza de uma obra, podem nos dar pistas para decifrar algumas questões que talvez permanecessem opacas sem o seu auxilio. Algumas delas serão aqui analisadas: como o autor discute o processo da abolição, ou melhor, como ele rememora, na ficção, esse evento; como a Lei do Ventre Livre "rasgou os primeiros clarões de liberdade" para a "massa de cativos"; como ele articula o processo de "expropriação" de classes, às hierarquias raciais existentes no Brasil; Por último, será discutido a emergência de "uma nova casta" no Brasil, uma raça mestiça, como veremos.

As voltas da estrada foi publicado no Rio de Janeiro por Xavier Marques em 1930. A obra era bastante diferente de tudo que ele mesmo já havia publicado. Trata-se de uma obra ímpar por seguir a contramão de tudo que se publicava na Bahia em termos de escravidão, abolição, raça e cidadania no Brasil, pois a maior parte dos letrados baianos interpretava estes acontecimentos do ponto de vista dos ex-senhores, talvez por ser a maioria deles seus descendentes. Talvez pelo seu caráter dissonante a obra tenha sido rejeitada por editoras soteropolitanas e cariocas, sendo publicada pela editora da Livraria Freitas Bastos (Antiga Leite Ribeiro), mesmo assim com pagamento do autor de 50% dos custos da produção.[3]

O autor contava, nesse momento, com cerca de setenta anos e já era um consagrado imortal da Academia de Letras da Bahia e da Academia Brasileira de Letras.[4] Havia publicado reconhecidas novelas ambientadas nas praias da Ilha de Itaparica, a exemplo de *Jana e Joel* (1899), e na Bahia dos "tempos áureos", como o premiado *O sargento Pedro* (1910). Em *As voltas da estrada*, porém, ele discute a fusão

[3] Humberto de Campos, em suas anotações doa dia 5 de agosto de 1928, de seu *Diário Secreto*, registra ter Xavier Marques oferecido dois romances a todos os editores do Rio "para serem editados de graça. E nenhum dos nossos editores os quis". (HUMBERTO, Campos. *Secreto*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1954. p. 258). Um desses romances foi *As voltas da estrada.* (SALES, 1969. p. 165)

[4] Marques foi um dos fundadores da Academia de Letras da Bahia em 1917, e foi recebido como imortal da Academia Brasileira de Letras em 1920.

das raças e culturas como elemento formador da identidade e da nação brasileira. Sobre esta obra outro critico literário afirmou:

> *É a história de uma frase dramática de transição, na vida nacional, observada através de uma cidade do recôncavo baiano, e que vai da abolição da escravatura à república, projetando senzalas e solares, os senhores de engenho, a sociedade nova, o processo de expropriação das classes, o panorama tumultuário enfim da incipiente democracia brasileira. Tudo indica que, com a sua derradeira obra de ficção, pretendeu Xavier Marques fazer relativamente à Bahia o que José de Alencar tentara antes abrangendo o ciclo de formação da nacionalidade.*[5]

Dito de outra forma, para o crítico Eugênio Gomes, o romance constrói-se em torno de uma trama "histórica" que tenta "demonstrar" o processo de formação da nacionalidade brasileira. Tudo isso acontece ante a uma "fase de transição" da vida nacional, peculiarmente mostrada através da construção de tipos e imagens peculiares ao romance, enquanto obra de ficção.

O romance narra a transição da sociedade marcada pelo escravismo e pelo monarquismo para outra marcada pela cidadania e pelo republicanismo. Bem verdade que a coisa não foi, na visão do autor, tão simples assim. Na primeira parte do romance nos mostra como pensava uma cidadania precária exercida pelos libertos e na segunda nos mostra que a cidadania na república tinha lá seus limites. A conclusão da obra a esse respeito é a de que para o povo se ruim era viver numa república como a que ele vivera até então, pior foi viver na "tirania" de uma monarquia escravocrata. Visão tipicamente republicana e liberal.[6] Restava então aprimorar a República apostando nas novas gerações – mestiças.

A narrativa é divida em duas partes: "a época dos senhores de engenho", que se passa no ano de 1871, e "sob o novo regime", que se passa em 1900. Na teia central da narrativa, Marques costura a trama das relações marcadas por amor e conflitos entre a família Leite e a família Ribeiro, a primeira branca e a segunda mestiça. Nesse contexto, o autor discute a formação da nação brasileira, tendo no processo de consolidação de uma nova raça o seu principal alicerce. Essa é a principal temática abordada nesta obra e para isto, ele evoca as memórias da escravidão e da abolição sob uma ótica peculiar: a

---

[5] GOMES, Eugenio. O romancista Xavier Marques. In: *Diário de São Paulo*. 23 de junho de 1963.

[6] Militante republicano e abolicionista desde os tempos imperiais Marques foi Deputado Estadual entre 1815-1921 e Deputado Federal entre 1921-1924, pelo Partido Republicano. Foi diretor de vários jornais ligados a este partido, dentre os quais destaca-se *O democrata*, que dirigiu na década de 1920. (SALES, 1969, p. 162).

de quem outrora fora um liberal abolicionista. Nela ele nos oferece visões peculiares que revelam como o autor pensava questões como raça, nação e cidadania na sociedade republicana.

"A época dos senhores de engenho"

> A aristocracia é tão necessária que nas próprias democracias ela se organiza e se separa, e é nata substancial na aguadilha do soro. (Visconde de Atahípe, 1871)

Na tradicional cidade de Nossa Senhora do Amparo dos Cativos, os senhores de engenho eram a aristocracia a que se refere o fictício Visconde do Atahípe na epígrafe lida. Na verdade, ele mesmo era o grande chefe político da cidade e sob suas ordens todos os amparenses deveriam estar. Era assim com todo o povo, também com os homens da lei, com os legisladores e com o chefe do executivo local. O Visconde era uma espécie de mandatário-mor de uma sociedade tão rigidamente hierarquizada que separava a "nata" do "soro". A nata era composta por ele e por todos os senhores de engenho que compunham a "nobreza" de Amparo. O soro eram as massas cativas e a libertas, mesclada pelos africanos e seus descendentes. Sua população "constituía-se, como a de todo o país, pela mescla de três sangues: o europeu, o africano e o americano. Havia, porém, preponderado o segundo dos três, dada a conveniência que houvera em tempos idos de importar e concentrar ali o máximo de trabalhadores escravos" (MARQUES, 1930, p. 10).

Ao descrever romanticamente a paisagem de Amparo, Marques se remonta ao ápice desta cidade: "O auge do esplendor de Amparo coincidiu precisamente com o maior coeficiente de população escrava. Trabalhava-se então, a todo o pulso, no plantio da cana e no fabrico do açúcar".[7] A base dessa riqueza, depois da extinção do tráfico, seriam as escravas que produziam vasta prole:

> *[...] as negras cativas eram mães fecundas e inesgotáveis: davam crias infalivelmente cada ano, parindo até por capões e moitas. E só isso, ao parecer dos senhores, compensava a desgraça da extinção do tráfico. Os molecotes cresciam à lei da natureza. Aos quinze anos, disciplinados pela grossa palmatória do feitor, já eram animais possantes, treinados na limpa do canavial* " (MARQUES, 1930, p. 12)

Quanto aos proprietários o autor define como,

[7] Idem. p. 11.

> *uma espécie de casta nobre, a nobreza não tradicional, mas convencional do Império. Havia-os agraciados com viscondados, baronatos e comendas. Tipos de transbordantes pletoricos (sic) de vontade e arbítrio, requintados nos caprichos, em bem e em mal, davam com que erigir uma galeria de excêntricos. Tratavam-se fidalgamente, gastando como nababos em festividades que regozijavam o povo* (MARQUES, 1930, p. 12).

No capítulo em que situa o leitor em sua narrativa ficcional, Xavier Marques relata que a "nefanda instituição" era o elemento fundamental para a organização da cidade de Amparo. Dela partia a autoridade senhorial e em sua lógica deveriam viver todos os habitantes daquele lugar. No entanto, em 1871, percebendo os ventos da mudança que poderia trazer a assinatura eminente da de 28 de setembro de 1871, depois apelidada de Lei do Ventre Livre, os senhores de Amparo se reuniram para discutir os rumos da escravidão no país. Demonstrando incapacidade de pensar o mundo fora das relações senhor/escravo, João de Lima, um dos proprietários declara: "Liberdade é para quem sabe fazer uso dela, pobres miseráveis que mal sabem lidar com as formas de purgar o açúcar, querem a liberdade pela estúpida vaidade de dizer não tenho senhor". Sobre isso, o Visconde de Atahípe opina

> *– Não digo que a liberdade não seja um bem. Mas para o homem de serviço, para o pobre, o trabalhador do campo e da lavoura é evidentemente mais um ônus que um benefício. A tese pode parecer ousada, mas não é. Muitos há por ai que trocariam a sua condição de livres pelo tratamento que eu dou aos meus cativos. Só preconceito os impede de virem ao eito e ao corpo do engenho trabalhar sem cuidados nem obrigações de família. Alguns tenho alforriados que não quiseram afastar-se deste regime...* (MARQUES, 1930, p. 39)

Xavier Marques tenta reproduzir aquilo que ele acha era a visão senhorial acerca do elemento servil. Teria ele ouvido alguns discursos parecidos com a dos seus personagens, quando militou no movimento abolicionista da capital baiana das últimas décadas do Império? Politicamente engajado, ainda nos idos do Império, o autor coadunava com as idéias propagadas por Ruy Barbosa, Castro Alves e Augusto Guimarães[8] e deve ter discutido com senhores escravagistas que, por vezes, freqüentavam os mesmos ambientes intelectuais que ele, e que, inclusive,

[8] A relação entre Xavier Marques e Augusto Guimarães parece ter sido estreita. Além de ter trabalhado em jornais de propriedade do jornalista, Marques chegou a dedicar uma poesia ao amigo, intitulada "Cativo: reminiscências". Nesses versos o autor recorda a "triste situação" do cativo na recém passada época da escravidão. Além disso, o autor tinha uma profunda admiração pelo poeta condoreiro, cunhado de Guimarães, chegando a publicar uma das primeiras biografias substanciais sobre o poeta dos escravos. (MARQUES, 1996; MARQUES, 1911).

representavam a maioria na Bahia. Desta forma, a polifonia estabelecida pelo autor, quando cruza divergentes concepções acerca da liberdade, confere uma maior verossimilhança aos eventos fictícios. Isso se reforça pelo fato de ele ter vivido intensamente essas discussões em outros tempos.

Vale lembrar também que na Primeira República essas questões foram discutidas e rediscutidas nos ambientes intelectuais a exemplo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia[9], instituição que Marques era membro atuante. Esses debates podem ter contribuído com elementos e informações para a construção desta obra e também deve ter resignificado as memórias do autor sobre este processo histórico.

Voltemo-nos novamente ao mundo descrito em *As voltas da estrada*. Em 1871, acontece a última grande festa nos termos amparenses, pois um acontecimento inesperado se transformaria no prenúncio da tragédia que abateria a nobreza local. Uma cavalhada reuniu a maior parte da população da cidade. Muitos senhores de engenho trouxeram suas famílias, agregados, mucamas e alguns escravos de confiança para presenciar ao evento que marcaria o apogeu do sistema senhorial naquele lugar. Em meio a comemorações e muita fartura o Visconde de Athaípe, chefe político da cidade, assiste de camarote às exibições dos cavaleiros. De repente, um homem mascarado apresenta-se, vence a competição e dedica a sua vitória à filha do Visconde, a bela Augusta Leite. Ao tirar a máscara o cavaleiro provoca uma estupefação geral quando revela a sua verdadeira identidade: tratava-se, na verdade, de um mestiço liberto chamado Nazário.

O episódio provoca a ira de toda aristocracia local, fazendo com que o Visconde de Athaípe buscasse alternativas para punir o atrevido mestiço pela "afronta" e desmoralização que infligira à sua filha. Decidindo à revelia do Estado e da Justiça, ele ordena ao feitor que não matasse o indivíduo, mas que antes o espancasse e o humilhasse perante todos os seus irmãos de cor e cativeiro. Seguindo as ordens à risca, o feitor Godofredo aplica uma forte "correção" no "petulante cavaleiro" e durante dias o espanca, soltando-o por fim, ordenando-o que jamais voltasse a Amparo.

A narrativa do episódio da cavalhada amparense é o fato que desencadeia a trama de Xavier Marques. Através dela percebeu-se, por exemplo, que o mestiço Nazário quis igualar-se aos senhores através da sua homenagem a Augusta Leite.

[9] Ver SILVA, 2006.

Posteriormente percebe-se que ele estava na verdade interessado na bela efígie. Evidentemente, o Visconde jamais permitiria que um mestiço cortejasse a sua filha sem um castigo apropriado. Ele não permitiria que alguém de cor de igualasse a um "fidalgo', muito menos a sua amada filha. A ordem ao feitor Godofredo foi expressa: demonstrar através da violência a supremacia branca sobre as demais raças. O episódio marca o primeiro grande conflito de raças – e de classes – na trama.

Sendo assim, o feitor Godofredo entrou em ação. Capturando Nazario, "a escravaria testemunhou bestificada mais um quadro da sua vida" (p. 94). Quinze dias depois, várias vezes preso no tronco de cabeça para baixo e muitas chicotadas depois, o liberto já estava em carnes vivas e sua altivez anterior, já tinha dado lugar ao desespero. O mestiço "sentia saudades do cativeiro, compreendendo a irrisão dessa liberdade. E chorou profusamente, chorou, soluçou como um menino abandonado, com fome e frio" (p. 98). Logo depois do castigo, foi solto com roupas feitas com "algodão cru dos negros", e intimado a sumir daquela comarca para nunca mais aparecer.

O episódio revela duas questões igualmente interessantes: a primeira é a incapacidade do Visconde e de seus lacaios de enxergar um mundo além da visão binomial senhor/escravo. A segunda é o pantanoso caminho que o autor tenta demonstrar entre escravidão e liberdade. Para ele, num mundo fundado na escravidão toda e qualquer tentativa de promover a liberdade é mera falácia, uma vez que em sua visão liberal a liberdade ia além da relação de classes, permeando também a condição de cidadania. È dispensável dizer que dentro da lógica do romance, a cidadania é impensável num mundo fundado na "tirania" política.

Sidney Chalhoub nos lembra ao analisar a escravidão em *Helena,* de Machado de Assis, que havia condições intermediárias entre escravidão e liberdade que, ao mesmo tempo em que matizam a visão tradicional de uma sociedade rigidamente dividida em senhores e escravos, sugerem o tanto de precariedade inerente à condição de dependentes (CHALHOUB, 2003, p 56). Meu argumento é que através desse evento, um escravo forro, filho de um senhor com uma cativa, vivenciou a duras penas e fragilidade e as limitações dessa parca liberdade. Pelo menos é disso que o autor tenta nos convencer.

Contudo, a agressão empregada pelo feitor gerou a revolta e a "selvageria" que levou os negros, sob o comando de Nazário às ações "bárbaras" que destruiriam a casta

amparense. Bárbaras porque, na opinião do autor, a escravidão havia transformado os negros em homens violentos, quase animais. Aliás, nem os brancos escapariam de ser contaminados pela nefanda instituição, visto que virariam homens depravados, desprovidos de quaisquer valores morais. O discurso de que a "escravidão envileceria o homem" foi um dos principais argumentos dos abolicionistas. Militantes da causa como Joaquim Nabuco utilizaram-se dessa teoria em obras como *A escravidão* (1869), *O abolicionismo* (1883) *e Minha formação* (1900). Vale mencionar a admiração que Xavier Marques detinha por ele e pela sua obra, para não falar de seu alinhamento ideológico no que diz respeito a escravidão e a libertação da "raça" negra. Para ambos, Marques e Nabuco, "o abolicionismo era um interesse da humanidade e da civilização". [10]

Xavier Marques concordava com algumas concepções de Nabuco sobre a escravidão e a abolição. Ambos se aproximam muito das concepções de certas correntes positivistas difundidas no Brasil desde os fins do século XIX. Tal concepção é expressa por um abolicionismo fundamentado em juízos morais e na análise da lógica econômica moderna. O regime escravista era compreendido como um sistema que impede o "progresso normal" da atividade econômica, isto é, que obstruiria a organização do capitalismo, nos moldes europeus (ALONSO, 2002. p. 213-214).

No Brasil, a escravidão seria fruto do sucesso de um sistema de colonização baseado no apresamento de africanos "um monstruoso transplante de raça afetiva". A escravidão colonial seria, segundo Nabuco, a transposição "aberrante", situação agravada por sua conversão a uma base racial. Assim, amparada por leis e instituições, a escravidão brasileira parecia uma anomalia aos positivistas abolicionistas, como Marques, definitivamente merecedora de reprovação filosófica. Se perdurasse, contagiaria todas as instituições e segregaria uma parte dos componentes legítimos da nação, negando-lhes a cidadania plena. Assim, os positivistas abolicionistas atacavam a identidade nacional saquarema e sua circunscrição da cidadania ao universo dos proprietários. A abolição, neste sentido removeria um arcaísmo que estaria impedia a

[10] Em artigo publicado pelo jornal *A manhã,* Marques discute a biografia e a "luta" de Joaquim Nabuco em favor da abolição, deixando claro seu alinhamento político com ele. (MARQUES, Xavier. A antecipação da posteridade. In: *Autores & livros:* suplemento literário do Jornal *A manhã*, Rio de Janeiro, 08/02/1942).

sociedade brasileira de seguir o rumo "normal" do Ocidente (ALONSO, 2002). Tais concepções são perceptíveis em *As voltas da estrada.*

O mestiço Nazário após constatar que a sua situação de liberto num país escravocrata para muito não servira, visto que o poder senhorial também continuava determinando sua vida e manipulava os negros contra o poderio branco. Quando capturado e surrado pelo feitor do Atahípe, Nazário sofreu uma grande coça na frente dos negros e "a escravaria testemunhou bestificada mais um quadro da sua vida" (MARQUES, 1930, p. 94). O que confirma a visão do autor de que os libertos não vislumbrariam sua completa liberdade enquanto durasse a escravidão. Aliás, para Marques nenhuma das leis abolicionistas, nem mesmo a Lei Áurea, traria completa liberdade aos cativos antes da proclamação da República, pois esta lhes faria não súditos, mas cidadãos. Os cativos estariam longe do domínio senhorial sustentado pela Monarquia.

Para analisar a temática da abolição e da cidadania dos "homens de cor", em *As voltas da estrada*, deve-se ter em mente a desconstrução das tradicionais oposições traçadas entre escravidão e liberdade, que o autor pensava em sua mocidade. Os conceitos "Escravidão" e "liberdade", nesse contexto, não podem ser lidos como termos antitéticos, e sim, num terreno que separa um conjunto complexo de experiências que se abriga em cada um deles merecem nossa atenção. O território da liberdade é pantanoso e muitos dos sinais que sacralizaram a subordinação e a sujeição tornaram-se parte de um ambíguo terreno no qual ex-escravos e "livres de cor" tornaram-se cidadãos em estado contingente: quase cidadãos (CUNHA, 2007. pp. 10-12). Existia para o autor certas condições limitadoras da liberdade tanto nos tempos do Império, quanto nos tempos da República.

Ainda em 1871, os nobres senhores de engenho de Amparo lamentam a assinatura da Lei do Ventre Livre e criam a "Liga da Lavoura" para defender os interesses dos proprietários da região. Em meio às discussões é que ocorre uma grande festa nos termos amparenses: a linda Augusta Leite, ainda humilhada pelo lamentável ocorrido na grande cavalhada, casa-se com Raul César, outro membro da elite local.

Após o casamento os nubentes são atacados por um grupo de quilombolas na chegada ao engenho onde morariam. No conflito os negros mataram o feitor Godofredo, o mesmo que havia espancado Nazário. O mestiço, por ironia do destino, havia se

tornado líder do Quilombo. Um pedido frustrado de ajuda para o grande engenho da família revela mais uma ação "imperiosa" dos negros: eles haviam atacado a propriedade do Visconde e o "nobre senhor" apoplético, caiu numa crise que desembocou pouco tempo depois na sua morte.

Morto o visconde de Athaípe, abatida a coluna social de Amparo, a previsão dos males decorrentes desse novo desastre prostrou as outras vítimas da "Nêmeses negra" que as perseguia como uma obsessão:"mais mortos que vivos, os senhores de engenho encomendaram-se a Deus". Nazário, por outro lado, vitorioso, passou a ser conhecido como o "flagelo dos senhores". Mais tarde, após a abolição e em tempos republicanos, se tornaria o novo chefe político de Amparo.

Na trama, o mestiço Nazário, inteligente e perspicaz, em sua condição racial "superior" aos estagnados negros e aos decadentes brancos, articulou toda uma revolta que contribuiu para o fim do mundo senhorial. É interessante notar que Xavier Marques não dá voz, nem mesmo ações autônomas aos negros, nem sequer nomeia quaisquer deles. A massa negra é tão infantilizada em sua obra quanto em qualquer obra de um defensor ou descendente dos senhores.[11] Isso nos leva a refletir sobre as concepções de liberdade de abolicionistas como o nosso autor. Mais ainda sobre o seu imaginário acerca das raças que compunham não só a sua trama ficcional, como também a trama da vida. A compatibilidade entre a consciência abolicionista e a etnologia racista poderia ser plenamente conciliável. A defesa da abolição não implicava o abandono da teoria das desigualdades étnicas, mas trazia, ao contrário reforço a tais concepções (VENTURA, 1991. p. 52). Sendo assim o fim a escravidão é visto ora em termos da superação de um atraso, ora por questões humanitárias. Sempre com pretensão de tutela ou dos abolicionistas ou dos próprios senhores. Sempre conservando "a ordem moral e social" das coisas.

Nazário de início se aproveitou da revolta dos negros causada por dois motivos: a venda das cativas para o Sul, pois, após a lei do Ventre Livre "elas para nada ou quase nada prestariam" e uma campanha de violência dos senhores contra os machos cativos que continuavam nas senzalas. Essa dupla situação, de afastamento de suas mulheres e de violência corporal, levou Nazário a implementar uma campanha de revoltas e

[11] Na obra da ex-senhora de engenho e romancista Anna Ribeiro de Araújo Góes Bittencourt (1843-1930), por exemplo, a hierarquização das raças é marcada pela representação infantilizada do negro e na superioridade do "civilizado" branco (OLIVEIRA, 2007).

levantes contra os senhores. Consciente das notícias trazidas por jornais abolicionistas como o fictício *Espelho do Norte*, começou a espalhar entre os negros que a abolição total era uma questão de tempo e que a pressão violenta dos quilombolas sobre os proprietários agilizaria o processo. Estavam juntos os elementos que provocariam o desmonte do escravismo em Amparo dos Cativos. Representações das memórias da abolição por um liberal republicano.

"Sob o novo regime"

> Os tempos são outros. Hoje tudo é um. Tão bom como tão bom... (Nazário Ribeiro)

Com essas frases proferidas por Nazário, Xavier Marques abre a segunda parte de *As voltas da Estrada*. Trata-se primeiramente de um contraponto entre os tempos imperiais e os tempos republicanos. O contexto onde o mestiço profere esta frase merece destaque: ele narrava a história de sua vitória sobre a aristocracia escravocrata, "com o favor do povo". O autor o apresenta como "co-responsável pela implantação do regime novo", contudo,

> *[...] ele não deixava de fazer suas restrições nem de admitir distinções que de alguma sorte restabeleciam a hierarquia social na democracia. Democrata em relação àqueles que teimavam em manter certa superioridade, por tradição e raça, mas aristocrata, um tanto por necessidade, com os que lhe eram inferiores em qualidade, recursos, inteligência e poder* (MARQUES, 1930, p. 215).

Era uma República fictícia inteiramente racializada[12] esta pensada pelo autor. Os chamados "brancos sem sorte" contavam com os favores da "nobreza mestiça", mas os negros oriundos da escravidão lhes eram "inferiores em qualidade" e, portanto, não estavam preparados para gozar da democracia o que exigia do chefe mestiço a força para a manutenção da ordem. Aliás, o que não faltam são qualificativos negativos dos "nobres mestiços" em relação aos "preguiçosos" negros. Quando à relação entre mestiços e brancos, a coisa era outra, pois havia certo "complexo de inferioridade" dos primeiros em relação aos segundos. Está aí uma das temáticas primordiais desta segunda parte do livro: o processo de mestiçagem e as relações raciais na "Amparo

[12] O termo aqui é tomado em consonância com o que afirma Wlamyra Albuquerque quando afirma que a racialização das relações sociais no mundo moderno revelava uma política de exclusão e acomodação, fundamentada em premissas biológicas e na sedimentação do discurso da supremacia branca (ALBUQUERQUE, 2009).

republicana". Essa temática aparece de maneira bastante clara nas relações "amorosas" entre mestiços e brancos narradas pelo autor. Trata-se de representações e "elogios" a mestiçagem.

Nazário Ribeiro sempre amou Augusta Leite. Augusta Leite sempre amou Cirino Rocha e este odeia Nazário. Na Primeira parte da trama, não se entende qual o motivo de tanta balburdia em relação ao fato de Nazário ter oferecido os louros da vitória da cavalhada a Augusta. O sentido desse ato só fica evidente na segunda parte do livro, quando o narrador revela os sentimentos do, já sexagenário, patriarca mestiço em relação a Augusta: "Se a filha do Visconde de Athaípe o trazia à distância não era por falta de demonstrações corteses e intenções sinceramente generosas de sua parte [de Nazário]" (MARQUES, 1930, p. 225).

O novo chefe de Amparo sempre manteve esperanças em relação a Augusta. Mesmo quando ainda era apenas um liberto, ele fez a primeira investida no dia da famigerada e célebre cavalhada. Esses sentimentos, contudo, já eram os de tentativa de "limpeza da raça", através de uma possível relação com a mais "nobre dos nobres". Não só isso, talvez já houvesse naquele momento a ambição de ocupar o lugar dos "tradicionais chefes" de Amparo. Mesmo depois de tantos anos, como nos informa o narrador, ele não perdera suas esperanças. Contudo, a filha do Visconde só conseguia sentir nojo do nobre mestiço. Nojo e raiva, pois, para ela, ele era o responsável pela decadência de sua família.

Augusta sempre sonhou com o engenheiro Cirino Rocha, mas este negou o consórcio, por causa da desonra sofrida pela enamorada. Ela casou-se com o velho Raúl César, homem que então já tinha dois filhos, um deles morto pelas mãos de um negro "aquilombolado". Contudo, está na frustração e na ruína da ideologia senhorial[13] a principal causa do ódio de Augusta contra a gente de cor. No início do capítulo intitulado "o lodo da igualdade" o narrador explica o porquê dela viver enclausurada, nos tempos da república, pois sua atitude simbolizava

> *[...] o protesto silencioso da velha aristocracia de Amparo, contra a vulgaridade, os crimes e a torpeza dos novos mandões e ricaços. Ela jurara desconhecer até a morte a importância daqueles egressos do cativeiro, alçados, por capricho da fortuna, das senzalas aos solares. Enquanto escravos, sujeitos e dependentes, tiveram compaixão deles, tolerou-os, patrocinou-os até em excesso. Perdoou-lhes os ultrajes e infortúnios que pessoalmente lhe fizeram padecer. Mas transformados de lacaios em*

[13] Sobre o conceito aqui adotado ver CHALHOUB, 2003.

> *cavalheiros, com autoridade e poder para dispor, não só de bens, mas da liberdade e da vida dos filhos dos seus antigos senhores, nunca, nunca lhes daria a ousadia de suporem que os reconheceria como tais* (MARQUES, 1930, p. 248).

Esse trecho é rico porque exprime de forma peculiar os motivos da revolta de Augusta. O paternalismo enquanto discurso que servia para manter, naturalizar e harmonizar uma relação desigual – propiciada pela escravidão – caiu em ruínas com todo o mundo senhorial, em virtude dos conflitos patrocinados por Nazário. É nítido que dentro das relações entre negros e brancos pensadas por ela, os primeiros deveriam ter lugares de subalternos. Aliás, não só os negros, mas toda a gente de cor. Entretanto, não foi assim a forma como coisa se sucedeu. A ideologia senhorial por ela representada não pressupunha que os demais personagens envolvidos em sua forma de ordenar a sociedade, pudessem não concordar com os lugares que lhe quiseram atribuir. É nesse contexto que devem ser lidos a atitude de Nazário por Augusta, e o ressentimento dela por Nazário.

Augusta era a mais bela flor de Amparo nos tempos da Monarquia. A declaração de amor de Nazário a ela significava para ele um "enlevo" e para ela o "opróbrio". Para Cirino Rocha significou a contaminação da moça pelo contato com o mestiço. Mas o tempo passou. Augusta teve seus filhos com o Raúl. Nazário teve seus filhos sem nem "mesmo ter se casado" e Cirino Rocha, seco, não teve propagada a sua descendência, pois a sua ocupação era acabar com o "malditos" mestiços, ameaçadores da formação da "nação".

Rocha é um personagem sarcástico, sagaz e venenoso e tem concepções ácidas sobre a sociedade amparense. Contudo, ele é o único que tem coragem de falar algumas "verdades", que poucos cidadãos de "qualidade" pensavam, mas por dependência do clã mestiço dos Nazários, não tinham coragem de falar. Segundo o autor, ele era o único em Amparo que se atrevia a falar alto e desabusado utilizando os termos "negros" e "mulatos". No capítulo "Atração dos contrários", ele fala sem nenhum pudor da vergonha que os negros e mestiços tinham de sua própria "condição de cor":

> *Em regra os amparenses, quando não podiam evitar a classificação da raça, procediam convenientemente, com certo pudor e economia do melindre social: empregavam um adjetivo vago que lhes parecia abranger todos os graus de intensidade da sombra pigmentar. Diziam uniformemente: "- Nós morenos..."* (MARQUES, 1930, p. 135).

O racismo é uma ideologia tão perversa que coopta as próprias vítimas a pensar de acordo com a sua lógica. O discurso adotado pelos "morenos" de Amparo até hoje é verificado no Brasil da realidade. O fictício Cirino Rocha observou isso, na Amparo de 1900, mas isso também pode ser observado no Brasil dos dias hoje. O Brasil da "pluralidade racial".

Rocha também descrevia o progresso de Amparo como "um carro de bois atolado em massapé". Isso porque uma raça degenerada não poderia levar a cidade a lugar nenhum, em sua opinião. A mestiçagem causada pelo cruzamento entre a raça dos antigos senhores e as antigas escravas, para ele, era infértil e doentia para a nação. "A tara da escravidão ficou na alma do povo", dizia ele. E complementava:

> *Uma alma coletiva vem criando desde as origens da raça com o sangue e o caráter dos seus formadores. Ora, nas origens desta gente o que se encontra de mais intensivo, carregando o matiz não só da pele, mas do espírito, é o negro e o negro cativo...* (MARQUES, 1930, p. 265).

Dito de outra forma, a mestiçagem brasileira, para o engenheiro amparense, estava carregada pelo estigma da escravidão. Isso fica mais claro nas páginas seguintes, quando ele em conversa com Paulino, filho de Augusta, afirma: "O negro, e só o negro, trabalhou pela nação em peso: mas bárbaro e escravizado, o negro deprimiu a moral da nação [...] Por si só a influência da escravidão nos foi tão nociva quanto o cruzamento dos próprios negros e selvagens com os civilizados" (MARQUES, 1930, p. 270).

Satirizando, a pretensa vergonha que os mestiços sentiam de suas origens africanas, ele conta a Paulino sobre um caso que se viu na capital de um poeta mestiço "dinheiroso" cuja mãe era negra e o pai português repatriado e rico. Estes teriam sido um dos versos do dito poeta:

> *"Do pai a quem nunca viu*
> *"Tem o retrato na sala,*
> *"Mas da preta que o pariu*
> *"Não tem retrato, nem fala...* (MARQUES, 1930, p. 271).

Com isso, ele argumenta que o próprio mestiço tem ciência das origens "funestas" advindas da "mãe África". Para ele, a única salvação para o futuro racial do país seria a contribuição do "bom tipo" do sul ou do estrangeiro europeu. "O bom tipo brasileiro depende da proporção em que esse elemento entre na liga nacional" (MARQUES, 1930, p. 270), ele insistia. Não era uma questão apenas "epidérmica" e

sim de alma e de sangue, que no caso dos mestiços amparenses haviam sido maculados pela escravidão e, é claro, por uma raça inferior.

Concluindo a conversa com o jovem donzelo, ele afirma "Felizmente, para o alívio de todos" o negro está acabando. Já deu o que tinha que dar. Deus o leve e nos deixe a possibilidade de um retorno às origens europeias. Assim corrigirá aquele erro da história que tem causado tantos constrangimentos à família nacional..." (MARQUES, 1930, p. 272). Para ele, o negro e o mestiço, eram alienígenas na nação brasileira. E para esse "erro" o reparo era o processo do branqueamento. Engenheiro formado no Rio de Janeiro, ele tipificava a visão do racismo científico vigente na Europa do século XIX e propagado no Brasil nos primeiros anos da República.

O asqueroso engenheiro trouxe uma família de alemães à Amparo, e pretendia formar uma colônia, para que a junção "desse fermento" desintegrasse totalmente os caracteres africanos. O fato de ele ser antagonista indica a polifonia da narrativa, pois Xavier Marques traz a visão de mundo do que ele acredita ser a dos tradicionais egressos da elite escravista. Diz respeito também, a discordância do autor em relação a esse tipo de "eugenia empírica", pois ele defendia outra forma de branqueamento, baseado na junção das três grandes raças formadoras do povo brasileiro. Além do mais, a tática de Cirino Rocha era plenamente "artificial", diferente do que defendiam os filhos de Amparo, pois estes buscavam uma mistura racial processada aos poucos por aqueles que já compunham a formação étnica amparense [leia-se brasileira].

Já Nazário representa o triunfo da "eugenia empírica" e da tomada do poder por uma nova raça, mais articulada e evoluída e por isso mais capaz. Ele representa a miscigenação com o negro que " naturalmente deu certo". Cirino Rocha, ao contrário, penso que qualquer contato com o negro leva a humanidade ao lodo da raça inferior. O embate entre Cirino Rocha e Nazário travado durante toda a segunda parte da trama era um choque não só de raças, como também de classes suplantadas e suplantadoras.

A ascensão de Nazário significou o declínio do Rocha. No final o engenheiro joga a toalha e o mestiço triunfante se projeta em glória. Ele não conseguiu se relacionar com Augusta, mas sua filha Pastora teve êxito com o filho dela. O significado prático disso é que Nazário serviu de alcoviteiro entre a filha e o jovem donzelo. Mais uma vez o chefe mestiço conseguiu o que queria: o melhoramento da raça. "Para se casar bem,

cada um se estime o mais que puder e, dinheiro à parte, apure **qualidade...**", (MARQUES, 1930, p. 207). dizia ele.

Outro episódio que é alvo desta análise é o caso de amor entre Pastora e Paulino. Na verdade, no decorrer da trama, fica claro que é mais um caso de interesses do que de amor, pois o rapaz deseja subir de vida e a donzela pretende garantir o casamento com um homem de "qualidade". Descrita como faceira, sensual, atirada e "quase-virgem", a morena retrata a representação dos elementos africanos presentes em sua ascendência. A garota não tinha outro sonho a não ser conseguir a única "riqueza" de que dispunha paulino: uma "ascendência nobre" e uma "raça superior". Já o rapaz, "angelical", puro e casto, com traços "perfeitos" e fenótipo de um "príncipe", ansiava ver dias melhores do que os de penúria que padeciam a sua família e os demais "brancos sem sorte". Com dezenove anos incompletos, alvo, rosado e belo como um Apolo, era o encanto de Pastora.

Em uma "casual" conversa com o rapaz, ela "inocentemente" deixou cair a manga, e num movimento tardio de recato pôs-se a esticar muito, pelas abas, a frente do casaco sobre os seios. Ele, regozijado, via sob o avesso do estofo aguçarem-se dois espichos. Difícil é deixar de imaginar essa cena. A sensualidade da moça enredava o "pobre" rapaz e o deixava cheio de concupiscência. O jogo de sedução da linda mestiça tem mais um episódio algumas páginas depois, num novo encontro entre os enamorados:

> *Foram momentos graves, de correspondência muda, misteriosa. Ela, como ave arrufada, incubando os desejos na carne quase virginal de Paulino, sentindo-se devassada, mas submissa, preludiando a sujeição fatal do amor, mais poderoso que o pejo... Ele estático, imobilizado ante aquela surpreendente revelação que parecia uma oferenda e que lhe dava a medida do quanto era amado por Pastora. Assim permaneceram instantes de felicidade e gozo virtual para os sentidos* (MARQUES, 1930, p. 232).

Mais uma história de amor e conflito racial de Amparo. Esse conflito é atrapalhado pela intolerância da mãe de Paulino, em relação à pretendente. Mas este terá o final diferente. Será o "final feliz". Praticamente à revelia da vontade de sua mãe, Paulino casa-se com Pastora, sob as bênçãos do patriarca mestiço e vivem para garantir que a nova raça brasileira sofresse mais uma etapa da "eugenia empírica" que consolidaria a legítima raça brasileira. Quem sabe em cem ou cento e cinqüenta anos,

Amparo fosse uma cidade onde uma raça latina surgisse firme e forte para garantir que ela se constituísse como uma sociedade "civilizada" e desenvolvida...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento:* A geração de 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo, Paz & Terra, 2002.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, Historiador,* Cia das Letras, 2003.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da Cunha e, GOMES, Flávio dos Santos (Orgs). *Quase-cidadão*: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. FGV, São Paulo: 2007.

SALES, David. Xavier Marques: Fatos pessoais para uma biografia literária. In *Universitas*, Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia, nº 3/4, maio/dez., 1969.

_____. Xavier Marques: Fatos pessoais para uma biografia literária. In *Universitas*, Revista de Cultura da UFBA, nº 3/4, p. 162. maio/dez., 1969

MARQUES, Xavier. *As voltas da estrada.* Livraira Bastos Leite, Rio de Janeiro, 1930.

_____. *Insulares*. Poemas (1886-1895). Bahia, Tip. do Diário da Bahia, Salvador, 1996;

_____. *Vida de Castro Alves.* Salvador, IGHB, 1911.

SILVA, Aldo José Morais. *Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*: Origem e estratégias de Consolidação Institucional, 1894-1930. (Tese de Doutorado em História), UFBA, Salvador-BA 2006.

OLIVEIRA, Marcelo Souza. Fios literários na teia da História: paternalismo, escravidão e pós-abolição num romance de Anna Ribeiro. In: Revista *Em Tempo de Histórias***,** Publicação do PPGHIS/UnB, n.11, Brasília, 2007. In: http://www.unb.br/ih/novo_portal/portal_his/revista/index.html, acesso em 08 de junho de 2009.

VENTURA. Roberto. *Estilo tropical:* história cultural e polêmicas literárias no Brasil, *1870-1914.* São Paulo. Cia das Letras, 1991.